
JAZZ

19 JANEIRO '08

RABIH

ABOU-KHALIL

E JOACHIM

KÜHN TRIO

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁB 19 DE JAN 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Oud Rabih Abou-Khalil
Piano e Saxofone Joachim Kühn
Bateria Jarrod Cagwin

A improvisação está impregnada na música libanesa, e de modos que ilustram bem o quanto é uma derivação da própria vida. Em tempos remotos, os telhados do Líbano eram feitos de ramos de árvore, sobre os quais se dispunham camadas de lama. Nos invernos, estas abriam brechas e a água das chuvas entrava nas casas, pelo que todos os anos era necessário arranjar as coberturas. Os vizinhos de uma aldeia juntavam-se e faziam desse trabalho um ritual colectivo, o Al-Awneh, colocando mais lama e depois pisando-a até ficar compacta e lisa. Os homens davam-se as mãos, formavam uma linha e batiam com os pés, numa série de movimentos coreografados que recebeu o nome de Dabke. A dança juntaram-se os cânticos e alguns instrumentos, como o *durbakke*, a flauta *nay* e o *mijwiz*, e assim nasceu um novo género musical improvisado, o Daloonah, em que as mulheres e as crianças também participavam. Ainda hoje, a dança Dabke e a correspondente música têm esta dimensão doméstica, não havendo família que não as pratique, apesar de os telhados já serem de barro cozido.

Com tais antecedentes, não surpreende que, na Beirute cosmopolita de antes da

guerra civil, entre a influência francesa e europeia em geral, o islamismo e o continente asiático, um músico como Rabih Abou-Khalil, com estudos feitos simultaneamente na música tradicional árabe e na música clássica ocidental, se tenha interessado por outros modelos da improvisação que não apenas os da sua cultura de origem. O jazz e o rock surgiram no seu caminho muito cedo e desde então o autor de discos como *Al-Jadida*, *Tarab* e *Yara* vem procurando intersecar num só híbrido as várias concepções musicais que assimilou. Se a diversidade da “Paris do Médio Oriente” estará na base daquela que vem procurando na arte dos sons, a curiosidade relativamente à diferença é outra explicação para o que lhe ouvimos, bem como uma convicção pessoal: a de que no mundo de hoje, com as fronteiras a desmoronarem porque a globalização económica (o sistema multinacional de mercado), política (a democracia parlamentar como modelo universal) e comunicacional (os *media* como factores de unificação) assim o determina, a música ou é multicultural ou torna-se em mais um fundamentalismo, mesmo que lhe assistam as melhores intenções a nível de preservação. Aliás, o *world jazz* deste compositor, improvisador e

executante do *oud*, alaúde norte-africano com vários milénios de existência, é a melhor das respostas ao absurdo “choque de civilizações” que se diz que estamos a ter com o Islão desde o famigerado 11 de Setembro, esquecendo-nos que a nossa civilização tem ascendência na árabe – não só os mouros estiveram presentes na Europa, e especialmente na Península Ibérica, durante sete séculos, aqui deixando marcas profundas, como são deles a nossa matemática, as bases da astronomia, a lírica dos nossos poetas e até as coordenadas fundamentais da música que fazemos.

Abou-Khalil refugiou-se em Munique para fugir à violência do seu país, e foi na Alemanha que acabou por conhecer um *sui generis* homem do jazz, Joachim Kühn, à sua semelhança com formação clássica e um trajecto multidireccional. Kühn passou pelo *jazz-rock*, ora colaborando com o guitarrista Jan Akkerman, líder do grupo de rock progressivo Focus, ou integrando os Experience de Jean-Luc Ponty já depois da colaboração deste com Frank Zappa, e esteve envolvido na fase de expansão do *free jazz* no Velho Continente, acompanhando músicos de renome como Don Cherry, Karl Berger e Gato Barbieri nas suas digressões deste lado do Atlântico. Além disso, contribuiu no período em que viveu em Paris para a solidificação do chamado “jazz francês”, na companhia de Michel Portal, Daniel Humair e Jean-François Jenny Clark, entre outros, e foi o primeiro pianista a tocar com uma lenda viva do jazz americano, Ornette Coleman, que o convenceu a também utilizar o saxofone

alto. Regendo-se Kühn pela máxima “aprender tudo para tudo esquecer” no momento em que se toca, o certo é que o oudista libanês não poderia encontrar melhor parceiro. Até devido às distintas perspectivas que ambos têm da improvisação: Abou-Khalil improvisa dentro dos parâmetros da composição e o músico alemão lança-se em explorações livres. Um aspecto comum a estes dois grandes músicos é o modalismo, mas mesmo este resulta de distintos pontos de vista: se o do primeiro desemboca nos blues, o de Kühn é deles que parte. Em Jarrod Cagwin, a dupla tem o ritmista ideal para as suas propostas, constituindo como que a sua argamassa. Solidamente ancorado na linguagem jazzística, o que significa que tem um óptimo sentido de *swing*, o baterista de Iowa, nos Estados Unidos, integra no seu jogo percussivo as tradições do Mediterrâneo, recolhendo elementos que vão desde o flamenco andaluz até aos complexos tempos da música turca.

À sua maneira, o que o Rabih Abou-Khalil – Joachim Kühn Trio está a fazer, conscientemente ou não, é a construir os alicerces musicais para um cenário de paz no mundo. O ovo referido no título do seu recente álbum, *Journey to the Centre of an Egg* (Enja), não é mais do que o planeta que habitamos, e o seu centro é aquilo que nos une, a nossa humana essência. Só falta subirmos todos aos telhados e batermos com os pés na maior dança Dabke já realizada.

RUI EDUARDO PAES
(CRÍTICO DE MÚSICA, ENSAÍSTA,
EDITOR DA REVISTA JAZZ.PT)



RABIH ABOU-KHALIL

Nasceu em Beirute, no Líbano, em 1957. Aos quatro anos de idade começou a tocar *oud* (semelhante ao alaúde, é o instrumento árabe por excelência, tão popular como o piano ou a guitarra no ocidente). Estudou música tradicional árabe e, através da flauta, música clássica ocidental; teve contactos com o rock e o jazz, numa altura em que Beirute era uma cidade cosmopolita. No Conservatório de Beirute estudou com o virtuoso do *oud* Georges Farah.

Em 1978, em consequência da guerra civil no seu país, mudou-se para Munique, na Alemanha, onde continuou os seus estudos de flauta na Academia de Música de Munique com Walther Theurer. Foi flauta que tocou no seu primeiro disco, *Compositions and Improvisations* (1981, editora MMC), para logo de seguida se dedicar exclusivamente ao *oud*, que toca em todas as suas gravações posteriores.

O interesse analítico pela tradição clássica europeia permitiu-lhe entender a música clássica árabe de um ponto de vista exterior e teórico, dando-lhe a descobrir a possibilidade de operar em simultâneo com sistemas musicais divergentes. Enquanto os instrumentistas árabes, em geral, se contentam em imitar as técnicas da voz humana, Abou-Khalil dedica-se a explorar novas formas de tocar o seu instrumento. Críticos musicais têm recomendado a sua excelente técnica como motivo de “estudo para os guitarristas de jazz”. As suas baladas, por outro lado, dão vida a memórias da origem poética da cultura árabe, sem jamais soar, nem mesmo remotamente, como tradicionalistas.

Rabi Abou-Khalil afirmou-se na cena de vanguarda quer como compositor, quer como instrumentista. Não só porque está à frente do seu tempo, mas também porque questiona caminhos que outros podem seguir sem reflectir profundamente sobre eles. Com a sua técnica de composição original, a sua aproximação audaciosa e sem constrangimentos à música clássica árabe, encontrou uma linguagem musical muito própria.

Por encomenda da estação de rádio alemã do sudoeste, Abou-Khalil escreveu, no seu estilo carregado melódica e ritmicamente, duas peças invulgares para quarteto de cordas. A estreia pelo Kronos String Quartet foi um momento marcante do Stuttgart Jazz Summit em 1992. No seu CD *Arabian Waltz*, com o Balanescu String Quartet, integrou com sucesso o quarteto de cordas – durante séculos no domínio da música clássica europeia – na sua linguagem musical.

Aquilo que superficialmente pode parecer como um encontro ocasional entre instrumentos que se opõem e um choque entre antagónicos talentos de diferentes mundos musicais é, de facto, o resultado de um conceito bem ponderado, reflectido. Sob a direcção de Abou-Khalil estas inegáveis diferenças não decorrem, de forma alguma, de uma confusão babilónica. Pelo contrário. Os músicos cosmopolitas, de diferentes origens culturais, inspiram-se na compreensão intuitiva e partilhada dos vários desafios que a interpretação da música de Abou-Khalil lhes coloca. A identificação emocional e intelectual com estas composições desencadeia o entusiasmo de cada músico, encorajando



o surgimento de novos pontos altos de mestria musical. A tentação de uma supremacia individual nunca é tão forte quanto o empenho colectivo na exploração inovadora de terrenos musicais não desbravados. Os trabalhos muito variados de Abou-Khalil – todos derivados da mesma fonte – sustentam-se por direito próprio indo tão para lá da convenção que de alguma forma iludem todas as categorias pré-estabelecidas. A música de Abou-Khalil floresce em encontros criativos, não no terreno do exótico. Da combinação de diversos elementos culturais emerge qualquer coisa de muito pessoal e coerente. Por isso não vale a pena considerar categorias como Oriente, Ocidente, jazz, *world music* ou música clássica.

Abou-Khalil escreveu obras que lhe foram encomendadas pela BBC Concert Orchestra e interpretadas em Londres e Chichester. Num outro projecto

trabalhou com o Ensemble Modern, uma das mais famosas orquestras especializadas em música contemporânea.

Abou-Khalil apresentou-se, desde 1988, em dezenas de Festivais e salas de concerto europeus, da Turquia e de países árabes da bacia do Mediterrâneo. A sua discografia como líder conta 19 títulos, 13 dos quais editados pela Enja Records. Muitas das capas desse CD's foram desenhadas pelo músico. Entre muitos outros tocou e gravou com Steve Swallow, Charlie Mariano, Sonny Fortune, Luciano Biondini, Ranshe Shotam...

(TRADUÇÃO, COM ALGUMAS ADAPTAÇÕES E ACRESCENTOS, DO TEXTO BIOGRÁFICO DE AUTORIA DE JERRY G. SAUER, PUBLICADO NO SITE DA EDITORA ENJA)

JOACHIM KÜHN

Nasceu em 15 de Março de 1944 em Leipzig, na então República Democrática Alemã (RDA). Aprendeu a ler música antes das letras. Aos cinco anos deu o seu primeiro recital com obras de Schumann. Aprendeu piano clássico, composição, teoria e história da música com Arthur Schmidt-Elsey entre 1949 e 1961. Influenciado pelo seu irmão Rolf Kühn (clarinetista) com quem partilhava o quarto e que ouvia Benny Goodman todo o dia, aos nove anos, segundo conta, decidiu ser músico de jazz. “Para se ser um bom *jazzman*, um bom improvisador, é parecido com outras profissões, é preciso estudar tudo e depois esquecer tudo” (as citações são retiradas da biografia publicada em www.label-bleu.com).

Em 1961, com 17 anos, tornou-se músico de jazz profissional e em 1964 liderava um trio, o primeiro grupo de *free jazz* europeu. Em 1967 mudou-se para Hamburgo. Formou com o seu irmão um quarteto também dedicado ao *free jazz*, com quem se apresentou no Berliner Jazztage e no Festival de Jazz de Newport. Em Nova Iorque os irmãos Kühn gravaram com o baixista Jimmy Garrison, que tocava com Coltrane, para a editora Impulse!. “John Coltrane é, incontestavelmente, o músico que mais me influenciou, que me ensinou a ser individualista e a avançar sempre na música. É um dos músicos mais importantes de todos os tempos”.

Em 1968 foi para Paris onde tocou com numerosos músicos de diferentes estilos, como Don Cherry, Karl Berger, Slide Hampton, Phil Woods, Michel

Portal, Gato Barbieri, Barre Philips, Philly Joe Jones, Jean-Luc Ponty. No início dos anos 1970 faz parte da formação de Ponty (Experience), virando-se para o teclado electrónico e tornando-se um dos protagonistas do *rock jazz* europeu. Ao mesmo tempo liderava trios acústicos.

Na segunda metade dos anos 1970 fixou-se na Califórnia onde se dedicou sobretudo ao jazz de fusão. Gravou com músicos como Alphonse Mouson, Billy Cobham, Michael Brecker, Eddy Gomez. Mas também se apresentava em solo ou em duo com o guitarrista Jan Akkerman. Depois de uma breve passagem por Nova Iorque (1980) voltou para Hamburgo em 1981 e para Paris em 1985. O seu trio com J.F. Jenny Clark e Daniel Hummair foi um dos trios de piano acústico mais famosos daqueles anos. Com Walter Quintus, um grande especialista de electrónica, produziu *Dark* (1989), música para um ballet de Carolyn Carlson. Em 1990 foi-lhe possível tocar na Alemanha de Leste pela primeira vez depois de 23 anos.

Em 1991, salientam-se dois projectos. Uma co-produção com a Rádio da Alemanha Ocidental, gravada para a editora GMP com o seu trio e uma big band, e a formação de uma banda *all stars*, comemorativa dos seus 30 anos de carreira, que juntou músicos como Rolf Kühn, Randy Becker, Palle Mikkelborg, Albert Magelsdorff, Joe Lovano, Christof Lauer e Adam Nussbaum. O Festival de Jazz de Grenoble encomendou-lhe uma obra para orquestra de câmara e piano.

Joachim Kühn gravou mais de duas centenas de discos, tem-se apresentado

por todo o mundo seja em salas de concerto seja em todos os principais Festivais, várias das suas gravações receberam prémios, tem dado corpo aos projectos mais diversos, tocado com grandes músicos, passado por todos os géneros de música ocidental, desde a música clássica, ao jazz, ao *free jazz*, ao *rock-jazz*, ao jazz fusão, ao rock, à música contemporânea, à música electrónica ou utilizando electrónica. “Gosto de todo o tipo de músicas, não tenho preferências entre géneros e estilos; a música é a música... há a boa e a má. Continuo a investir em todos os tipos de música. Em jovem tocava *be-bop*, nos anos sessenta, *free*, nos anos setenta, fusão. Ao longo de todas estas evoluções o mais importante é encontrar o nosso estilo”. Embora o piano seja o seu instrumento de eleição, também toca saxofone, como vai acontecer no concerto desta noite.

JARROD CAGWIN

Nasceu em Iowa, EUA e formou-se, “with honours”, no Berkeley College of Music em 1996. Estudou também com Glen Velez, Trichy Sankaran e Joe Galeote.

Vive em Nova Iorque tocando regularmente em clubes de vanguarda como Knitting Factory ou Tonic (este, porém, encerrou em Abril de 2007 por não poder suportar o aumento de renda que lhe foi imposto).

Desde 1997 que Cagwin realiza numerosas e intensivas viagens de estudo pela Europa, África Ocidental (Mali e Gana), Norte de África, Médio Oriente, Turquia, estudando e praticando com mestres de percussão local.

É membro permanente da banda de Abou-Khalil desde 1999 e toca ainda com músicos como Charlie Mariano, Michel Godard, Dusko Goykovic, Joe Beck, Joe Lovano, Dave Samuels, Gabriele Mirabassi, Emanuelle Somer, Howard Levy, Gary Burton, entre outros.

NA PRÓXIMA SEMANA:
CICLO DE CINEMA QUA 23 A DOM 27 DE JANEIRO



Tradition ist die Weitergabe des Feuers, und Nicht die Anbetung der Asche
de Gustav Deutsch

Histórias do Cinema por si próprio

Programa: Ricardo Matos Cabo

PEQUENO AUDITÓRIO · M/12 · Filmes na versão original

Este programa é uma pequena introdução ao tema vasto das histórias do cinema através do cinema. Apresenta ensaios visuais, documentários e outras formas que reflectem através das imagens e dos sons uma visão crítica da História do Cinema para além da cronologia e da história dos autores ou épocas, recorrendo a excertos, à reutilização de imagens, à invenção e análise visual. O programa apresenta diversos exemplos

e abordagens deste género maior, presente desde sempre na história do cinema: formas pedagógicas e críticas, meta-histórias do cinema, filmes-compilação, reconstituições e outras formas que se relacionam directamente com esta possibilidade do cinema de constituir um discurso sobre si próprio.

Consulte o programa deste ciclo em www.culturgest.pt

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos